

## **Comunidades virtuais de música como subsídio para a construção da identidade afrodescendente**

**Jobson Francisco da Silva Júnior**

**Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba .Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais-NEPIERE**

**Leyde Klebia Rodrigues da Silva**

**Bacharel em Biblioteconomia. Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE)**

**Mirian e Albuquerque Aquino**

**Doutora em Educação Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação da UFPB Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFPB.Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE)**

Recebido em 17.05.2013 aceito em 09.08.2013

*Investiga a possibilidade da construção da identidade afrodescendente através de comunidades virtuais de música. Principia, contextualizando a importância da informação musical nas comunidades virtuais, na sociedade da informação. Tem como objetivo geral compreender como as comunidades virtuais de música podem subsidiar a construção da identidade afrodescendente e operacionaliza, como objetivos específicos: entender o papel desempenhado pela informação musical nas comunidades virtuais, examinar o acesso às comunidades virtuais de música e discutir o processo de construção da identidade afrodescendente. Segue sua base teórica, refletindo sobre as questões da cibercultura e o processo de construção da identidade afrodescendente. O estudo é de caráter qualitativo exploratório, que apoia-se na pesquisa bibliográfica e*

*documental, e analisa os dados coletados sob a ótica da análise documental associada a uma abordagem crítica, fundamentada no referencial teórico. Os dados foram coletados no Facebook, por tratar-se de uma rede de relacionamento virtual amplamente utilizada no Brasil. Verificou-se que as comunidades virtuais de música podem ser interpretadas como um dispositivo facilitador da construção da identidade afrodescendente, configurando-se como um mecanismo contra a discriminação e o racismo.*

**Palavras-chave:** *Identidade afrodescendente; Comunidades virtuais; Informação musical; Facebook.*

## **Virtual communities of music as a subsidy to the build an afrodescendant identity**

*It investigates the possibility of afro-descendant identity construction through virtual communities of music. It begins contextualizing the musical information importance in virtual communities in the information society. It has as general aim to understand how virtual communities of music can subsidize the construction of afro-descendant identity, and it has as specific objectives: to understand the role of musical information in virtual communities, to examine the access to virtual music communities and to discuss the process of afro-descendant identity building. Its theoretical basis reflects on issues of cyber culture and the process of afro-descendant identity building. The study is a qualitative-exploratory one, which relies on bibliographic and documentary research, and analyzes the data collected from the perspective of document analysis associated with a critical approach grounded in the theoretical framework. Data were collected on Facebook, considering the fact that it is the network of virtual relationship most currently used in Brazil. It was found that the virtual communities of music can be interpreted as a enabling device to the afro-descendant identity construction, working as a mechanism against discrimination and racism.*

**Keywords: Afro-descendant identity; Virtual communities; Musical information; Facebook.**

## 1 Introdução

O presente estudo tem como objetivo compreender como as comunidades virtuais de música podem subsidiar a construção da identidade afrodescendente, buscando abertura de espaço para as discussões acerca da temática étnico-racial, com maior ênfase na Ciência da Informação, com vistas a contribuir para redução do racismo, discriminação e preconceito. Observamos que, atualmente, a informação sofre um processo de reavaliação.

A Ciência da Informação passa a assumir novos papéis na sociedade contemporânea, transformando-se em um bem, uma mercadoria. Nesse contexto, podemos constatar que a tipologia da informação é bastante vasta. Portanto, voltamos nossa atenção para um tipo específico - a informação musical, entendida como

os aspectos relacionados à música, tanto em seu *nicho* mais técnico, como tonalidades, compasso, métrica, modulações, modos, ornamentação, andamento, [...] suas relações mais subjetivas, como os discursos das letras, que podem dar margens às mais diversas interpretações; e o contexto histórico das composições, que fornecem subsídios para a compressão da composição. Também entendemos como informação musical elementos que identificam um indivíduo como fã de um determinado gênero musical e/ou artista (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 30-31).

Consideramos que a informação musical está ligada a fatores socioculturais e econômicos e pode configurar-se como uma variante de grande peso no processo de construção identitária, especificamente no caso da identidade afrodescendente, vista como a "forma de os indivíduos se reconhecerem e de serem reconhecidos, a maneira como se veem e são vistos" (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010), com maior ênfase no ciberespaço, concebido como um espaço não físico, caracterizado por uma universalidade não totalizante, formado por uma rede virtualmente de computadores através das quais todas as informações circulam livremente, de forma a recusar hierarquias (LÉVY, 2000).

Ao falarmos em ciberespaço, adentramos a um terreno muito vasto. Então, é necessário fazermos um recorte do nosso objeto de estudo. Sendo assim, propomo-nos a trabalhar com a delimitação das comunidades virtuais, as quais buscamos compreendê-las como um espaço de sociabilidade culturalmente homogêneo, espacialmente ilimitado, redes egocentradas (CASTELLS, 2003). Para ele, os indivíduos tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias - religiosas, étnicas, musicais, entre outras (CASTELLS, 1999). Complementando essa ideia, Lima (2009, p. 10) afirma que a "identidade cultural se refere à

conexão entre indivíduos e a estrutura social". Dessa forma, a informação musical é interpretada como um elo entre os indivíduos e a estrutura social.

Com as tecnologias intelectuais cada vez mais presentes na nossa vida, a comunicação das artes, com maior ênfase na música, vem se reconfigurando e limitando o papel da indústria fonográfica e, por consequência, aumentando o acesso a essas informações.

A transmissão de arquivos musicais na Internet muda as relações entre produtores e usuários. Por um lado, os produtores de música podem disseminar com facilidade a sua obra, tornando-as virtualmente acessível a milhões de pessoas sem grandes custos de disseminação. Por outro lado, os usuários podem recuperar seus arquivos musicais sem depender da mediação da indústria fonográfica. A possibilidade de que a música circule sem um suporte físico faz com que produtores e usuários dependam menos da intermediação da indústria fonográfica. As máquinas e seus mecanismos de busca ampliam as possibilidades de encontro entre o público, obras e autores (LIMA; SANTINI, 2009, p. 54).

Ao abrirmos espaço para as discussões étnico-raciais, estamos incluindo os sujeitos marginalizados ao acesso às informações, para tirá-los do estigma de seres inferiores, porquanto são produtores de conhecimento, mas ainda são vitimados por aqueles que contribuíram para legitimar a história oficial e seus equívocos sobre os negros

## **2 Reflexões sobre a cibercultura**

Para iniciarmos a discussão do que seria a cibercultura, acreditamos que seja benéfico compreendermos o que seria a cultura, conceito que nasce primeiro. Para embasar nossa discussão, recorreremos à corrente inglesa dos Estudos Culturais, que nasce na segunda metade do século XX e tem como uma de suas principais características a sua "abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica" (JOHNSON, 1999, p. 10).

Uma das propostas centrais dos Estudos Culturais é a mudança do conceito da própria cultura, no qual, em um primeiro momento, era entendida como o mais belo produzido por alguém ou alguma sociedade e, em uma visão moderna, é aceito o conceito de cultura como o produto de diversas práticas sociais. Feitas essas considerações preliminares, partimos para a discussão do conceito de cultura.

Essa discussão acerca da cultura é de grande valia para a interpretação da realidade social, uma vez que contribui para repensarmos as ideologias dominantes manifestadas em discursos preconceituosos, discriminatórios e racistas. Dessa forma, concordamos com a visão de Santos (2006), para quem a cultura é "tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então, grupos no interior de uma sociedade" (SANTOS, 2006, p. 24).

Estamos fazendo parte de uma sociedade que liga a técnica ao prazer estético, auditivo, sonoro, etc. A cultura contemporânea, em sua relação com as tecnologias intelectuais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização), cria um novo elo entre a técnica e a vida social. Ela é reconhecida por Lemos (2002, p. 18) como "cibercultura" e, para ele, é o resultado da convergência entre a socialidade contemporânea e as tecnologias de base microeletrônica. Essas tecnologias estão presentes em todas as atividades da vida humana e se tornam [...] "vetores de experiências estéticas, tanto no sentido da arte, do belo, como no sentido de comunhão, de emoções compartilhadas" (LEMOS, 2002, p. 20).

Ainda segundo Lemos (2002), a cultura atual não objetiva mais a dominação natureza e do social, mas busca, agora, uma forma de expandir uma atitude social sobre a natureza já dominada, de forma a transformar o existente em *bits* e *bytes*, em "espectros virtuais do ciberespaço". Nesse âmbito, a cultura passa por uma mudança terminológica. Para diferenciar o meio físico do meio virtual, adotamos o termo "cultura" para o meio físico e "cibercultura" para o digital e virtual.

Passamos a entender a cibercultura como "a forma contemporânea da técnica que joga com os signos desta tecno-natureza construída pela astúcia da tecnocracia" (LEMOS, 2002, p. 21). Dessa forma, as diversas manifestações da cibercultura são vistas na "apropriação de imagens, de obras através de colagens, de discursos não lineares, um verdadeiro *zappig* e *hacking*, denominado por Guy Debord de "sociedade do espetáculo" (LEMOS, 2002, p. 21).

Nesse novo universo que se apresenta - a cibercultura -, constatamos a proliferação de gêneros, dentre eles, podemos destacar: composições automáticas de partituras ou de textos, "músicas 'tecno' resultantes de um trabalho recursivo de amostragem e arranjo de músicas já existentes [...] A música *tecno* colhe seu material na grande reserva de amostras de sons" (LÉVY, 2000, p. 136). No caso da música popular, a influência exercida pelas tecnologias digitais permitiu que se caracterizasse como mundial, eclética e mutável, sem sistema unificador. Encontra-se em permanente variação e integra as contribuições de tradições locais originais e as expressões de novas correntes culturais e sociais (LÉVY, 2000).

A criação de tais vínculos vive hoje uma revolução, pois os contextos em que a música está inserida encontram-se em contínua mutação, como consequência das inovações das tecnologias digitais. Nesse sentido, os (ciber)sujeitos, vivem algo que começa a ser visto como "cibercomunismo", pelo qual todas as pessoas têm as mesmas condições para criar e receber novos conteúdos e as hierarquias existentes no mundo físico caem em desuso no ciberespaço. Como consequência, o (ciber)sujeito deixa de ser apenas um receptor passivo e, cada vez mais, passa a ter liberdade de escolha, para exercer seu senso crítico e, principalmente, para criar novos conteúdos e disseminá-los.

Dessa forma, o consumo da música na *Web* hoje é um processo de experimentação. Para isso, o (ciber)sujeito conta com o apoio de várias ferramentas, como, por exemplo, o *Youtube*<sup>1</sup>, o *Myspace*<sup>2</sup>, o *Last.fm*<sup>3</sup> e o *Soundcloud*<sup>4</sup>, definidos como comunidades virtuais nas quais é possível postar músicas, vídeos, fotos e interagir com outros (ciber)sujeitos, por meio de fóruns e mensagens diretas. É válido ressaltar que a maior parte desses dispositivos, com os quais os (ciber)sujeitos contam, são de acesso livre, ou seja, não é preciso pagar para usar, pois, hoje, existem até mesmo jogos que possibilitam a qualquer (ciber)sujeito, mesmo sem conhecimento de teoria musical, compor uma música.

Ao poucos, estamos conquistando, cada vez mais, independência nas relações de consumo da informação musical. Com o advento da Internet, a mídia de massa que, até pouco tempo, era o mais importante elo entre o artista, o público e o mercado, começa a perder um pouco de espaço. Nesse novo momento da Sociedade da Informação, as práticas de criação de conteúdo, seja ele musical ou não, vivenciam uma reinvenção, pois, a cada dia, surge uma nova ferramenta que proporciona aos (ciber)sujeitos inúmeras possibilidades e, dessa forma, observa-se que os eles tendem a se agrupar em comunidades virtuais.

A música é conteúdo, é informação. No ciberespaço, ela deixa de ser apenas o som, mas se torna, também, tendências comportamentais, estéticas e sociais; é através dela que o (ciber)sujeito, enquanto integrante de uma dada comunidade virtual, (re)construirá a forma de perceber a si mesmo e o mundo que o cerca.

### **3 A necessidade de autoafirmar-se: construindo a identidade afrodescendente**

Iniciamos nossa reflexão sobre o processo de construção da identidade afrodescendente, com um questionamento: o que é identidade? Quem nos dá uma primeira resposta é Fragoso (2008), que afirma que a identidade, seja ela individual ou coletiva, é sempre relacionada com a forma como os indivíduos se relacionam com os valores das sociedades e grupos do qual faz parte. Observamos que a discussão sobre a identidade é uma problemática debatida desde a antiguidade, mas, em virtude da complexidade desse fenômeno, sua formação é “uma espécie de metadiscorso sobre experiências históricas de difícil apreensão empírico-histórica” (DIEHL, 2002, p. 128).

Para Pinho (2004), a identidade é uma marca da contemporaneidade, sendo um fenômeno que exerce uma função política

<sup>1</sup> Site pelo qual os cibersujeitos podem assistir e/ou compartilhar seus vídeos *online*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

<sup>2</sup> Rede social *online* que integra serviço de fotos, *blogs* e perfil de usuários. Disponível em: <<http://br.myspace.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

<sup>3</sup> Rede social *online* voltada unicamente para música, que agrega rádio *online* e comunidades virtuais. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

<sup>4</sup> Aplicativo para publicação de áudio. Disponível em: <<http://soundcloud.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

no agrupamento e movimentação dos indivíduos pelo mundo. Acreditamos que a construção da identidade se dá através de uma relação de troca, na qual o indivíduo “partilha seus saberes e incorpora elementos de sua comunidade” (LIMA, 2009, p. 38), logo, podemos afirmar que esse processo tem raiz na memória social, ideia que é complementada por Wanderley (2009), ao afirmar que a identidade é pertencimento.

Observa-se, na literatura sobre a temática, a existência de muitos conceitos do termo identidade, mas, nos policiando para o uso responsável do termo, recorremos ao ponto de vista que é tecido por Munanga (1994):

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, 177-178).

Constatamos que o fator biológico pode exercer influências na construção da identidade, contudo, não é um determinante. Fragoso assinala que “a identidade é definida historicamente, e não, biologicamente, o que nos leva a concluir que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (FRAGOSO, 2008, p. 38). Por exemplo, um indivíduo de ascendência afrodescendente pode, em um dado momento de sua vida, não se identificar como tal e essa não identificação pode mudar posteriormente, de acordo com as suas vivências e mudanças na sua concepção do mundo e de si mesmo. Assim, o processo é permeado de subjetividade.

Nesse ponto da discussão, já podemos fazer algumas inferências. O processo de construção identitária é dinâmico, as identidades estão em constante estado de (re)construção e um mesmo indivíduo exerce simultaneamente várias identidades, por exemplo, sexual, musical, religiosa, política, entre tantas outras.

Observamos que o processo de se construir/consolidar uma identidade é de extrema complexidade e, quando fazemos o recorte para olharmos o caso específico da identidade afrodescendente, percebemos que o processo é ainda mais difícil. Identificar-se como negro, no Brasil, é se posicionar contra uma imagem negativa. Essa expressão, geralmente, é empregada como sinônimo de pobre, criminoso, marginal, entre outros.

Esses rótulos reforçam a negação da real importância que os africanos e os afrodescendentes tiveram/têm no desenvolvimento do Brasil ou, no dizer de Freyre (2006, p. 202), “sua perspectiva inesperada, a de ter sido o escravo negro colonizador do Brasil”. A literatura mostra

que os afrodescendentes sempre foram uma das forças produtivas no país, quicá, a mais produtiva, mas, mesmo assim, sempre foi visto como sub-humano.

Para Aquino (2010)<sup>5</sup>, “os gestos, as relações, a informação, o conhecimento, a sabedoria e os valores culturais do homem africano foram sistematizados no discurso eurocêntrico como nocivos à cultura branca”. Assim, os afrodescendentes são completamente desvalorizados e a cultura “branca” é considerada a mais importante, segundo os valores eurocêntricos.

No Brasil, “os africanos foram dominados pela força da escravidão e identificados como negros, crioulos ou pretos, sem qualquer respeito as suas diferenças culturais” (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010) e, dessa forma, implica em uma luta contra uma ideologia dominante que perdura desde o início da história brasileira. Como Pinho (2004) nos alerta, a identidade afrodescendente deve ser compreendida em sua conexão com processos sociais, econômicos e políticos, assim como os contextos de lugar espaço e tempo em que está situada.

A construção da identidade afrodescendente representa uma maneira encontrada pelos grupos dominados de manipularem as representações de si, que são reproduzidas pelos discursos dominantes no interior da sociedade em que vivem, seja para desafiarem e inverterem seus significados ou mesmo para legitimar o que vem sendo reproduzido.

Outros fatores históricos podem ser identificados e que inibem a consolidação da identidade afrodescendente, como, por exemplo, o mito da democracia racial, que, durante muitos anos, passou uma imagem de relações cordiais entre negros (as) e brancos (as) e impediu, por um lado, o debate sobre as políticas de ação afirmativa no Brasil e, por outro, o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça, retardando o debate sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro (MUNANGA, 2003).

Podemos observar o emprego de termos como moreno-escuro, pardo, café, escurinho, para se referir ao indivíduo negro; é como se fosse ofensivo se referir ao outro como negro (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010). No Brasil, assim como em outros países, é perceptível que a marginalização de afrodescendentes também se manifesta por meio da segregação espacial: “os lugares em que se encontra o maior número da população negra são consequentemente os mais pobres” (CARVALHO, 2008, p. 5). Ainda, segundo Carvalho (2008), essas populações, em todos os Estados brasileiros, aglomeram-se nos subúrbios e/ou favelas.

Os negros são numericamente minoria nas relativamente bem desenvolvidas regiões do sul e sudeste do Brasil, onde vivem 57% dos 170 milhões de brasileiros, mas são maioria nas regiões menos desenvolvidas. O censo de 2000 revela que, de forma geral, 73% dos brancos, 54% dos pretos e apenas 37% dos pardos vivem nessas duas regiões (TELLES, 2003, p. 164).

---

<sup>5</sup> Documento eletrônico.



Dessa forma, retomamos o pensamento de Wanderley (2009), quando afirma que a identidade afrodescendente é formada através de uma trajetória de luta, reparação pelos direitos negados, sendo assim, também é uma identidade política.

#### **4 Abordagem metodológica**

Para compreender como a informação musical disseminada em comunidades virtuais de música pode propiciar a construção de identidade afrodescendente, faz-se necessário que sigamos um mapa metodológico, a fim de validarmos os resultados da nossa pesquisa. Observamos várias possibilidades de abordagens e métodos aplicáveis à área da Ciência da Informação.

Optamos pela pesquisa de caráter qualitativo, vista por Denzin e Lincoln (2006) como mais adequada a estudos até então pouco explorados e, também, aqueles em que há a necessidade de compreensão de uma cultura específica. Bauer, Gaskell e Allum (2008) postulam que não há quantificação sem qualificação nem há análise estatística sem interpretação. Articular a pesquisa qualitativa ao caráter exploratório mostra-se mais adaptável às temáticas até então pouco estudadas, por proporcionar a realização de estudos que visam à formulação de ideias e teorias. Assim sendo, essa modalidade de pesquisa aponta caminhos, levanta questionamentos, em vez de respondê-los.

Na primeira fase da pesquisa, a coleta de dados foi feita, inicialmente, por meio da pesquisa bibliográfica, “considerada um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e constitui-se no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 43). Aliada à pesquisa documental, reunimos documentos em suportes tradicionais (livros, artigos, dissertações, etc.), digitais (arquivos em MP3, *sites* de relacionamentos, entre outros) e gravações de som (CDs, DVDs).

Concordamos com Santini e Lima (2010 p. 16), que referem que “a cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social, coletiva e simbólica”. A partir dessa visão, optamos, também, por abordar uma rede social de relacionamento virtual, na qual encontramos alguns indicadores de formação de comunidades virtuais e, conseqüentemente, de identidades coletivas. Assim sendo, com base na usabilidade, o *site* escolhido para nossa coleta foi o *Facebook*. Nessa rede social, pesquisamos comunidades virtuais de música (chamada no *site* de grupos), nas quais pudéssemos detectar informações musicais que pudessem ser usadas como subsídio para a construção e/ou consolidação de identidade afrodescendente.

Ao escolhermos, também levamos em consideração o fato de ser o *Facebook* a rede social mais utilizada no Brasil e capaz de fornecer um panorama geral de informações. Essa escolha de comunidades virtuais

serviu para ilustrar o processo de construção da identidade coletiva, já que, atualmente, o *site* pode ser acessado por qualquer um que tenha um computador conectado à Internet. Ao final dessa fase, concluímos a coleta dos dados.

Entendemos a análise documental, alicerçando nosso conhecimento acerca do próprio documento. O que pode ser um documento? Para Fonseca (2005), o documento é tudo aquilo que represente ou expresse, por meio de sinais gráficos (escrita, diagramas, mapas, algarismos, símbolos), um objeto, uma ideia ou uma impressão. Respondida essa questão, passemos agora para o modo como analisaremos um documento. Scott (1990) propõe quatro critérios básicos para o estabelecimento da análise documental, a saber: representatividade, autenticidade, credibilidade e significado.

Estabelecer a autenticidade de um documento só é possível através de evidências internas do próprio documento. Porém, é válido ressaltar que, mesmo que o documento analisado não seja genuíno, ele poderá fornecer informações de vital importância à pesquisa. É pertinente avaliar a credibilidade dos documentos, a fim de não trabalharmos com dados e/ou informações erradas, visto que isso pode comprometer os resultados da pesquisa. A representatividade dos documentos diz respeito ao seu conteúdo intelectual e se a temática abordada no documento é pertinente à temática da pesquisa. O significado diz respeito à "clareza e à compreensão de um documento para um analista" (MAY, 2004, p. 221).

A metodologia utilizada para analisar as comunidades virtuais selecionadas foi feita com base em uma abordagem crítica-discursiva fundamentada no referencial teórico, pelo qual o pesquisador tece seu ponto de vista a partir das teorias discutidas ao longo do trabalho, posto que exige a compreensão e a atribuição de sentidos e o discurso é o efeito de sentidos entre os interlocutores (ORLANDI, 1987).

## **5 A informação musical como subsídio para a construção de identidade afrodescendente**

Antes de iniciarmos esta análise, é necessário fazermos um breve histórico sobre o *Facebook*, rede social que hoje conta com mais de 1 bilhão de usuários e foi criada em 4 de fevereiro do ano de 2004, por Mark Zuckerberg em parceria com Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Quando nasceu, o *site* era limitado a usuários da Universidade de Harvard e hoje atende a (ciber)sujeitos de todo o mundo.

O *Facebook* tem como missão "*to give people the power to share and make the world more open and connected*"<sup>6</sup> (FACEBOOK, 2012). Para poder fazer uso do *site*, os (ciber)sujeitos devem primeiro se registrar para, em seguida, criar um perfil. Nesse perfil, o (ciber)sujeito é convidado a compartilhar uma série de informações pessoais, como idiomas, religião e preferência política, mas não há o questionamento sobre o pertencimento étnico-racial. Uma vez concluído o registro e criado

<sup>6</sup> Dar às pessoas o poder de compartilhar e fazer o mundo mais aberto e conectado (tradução nossa).

o perfil, o (ciber)sujeitos podem adicionar outros (ciber)sujeitos como amigos, participar de grupos de interesses em comum, criar lista para a classificação dos amigos e, também, podem criar páginas, entre outras atividades.

Na exploração do *Facebook*, constatamos que os (ciber)sujeitos têm liberdade para se expressar livremente e, dentro desse espaço, que já se configura uma comunidade virtual, eles procuram por outros com interesses em comum, com objetivo de trocar informações, por exemplo, sobre determinados artista, bandas, shows, padrões estéticos, etc.

Realizamos uma busca por termos que representassem gêneros musicais que tiveram origem com populações africanas e/ou afrodescendentes. Dessa forma, foram utilizados os seguintes termos: Blues, Jazz, R&B (*Rhythm and blues*), Soul, Funk, Reggae, Samba, Pagode e Axé. Em todas as buscas, o resultado dos grupos encontrados é superior a 100, dentre os quais identificamos comunidade voltada para o *download* de músicas, para artista e/ou bandas específicas.

Nesse primeiro momento, foram identificados muitos grupos que corroboram a nossa ideia, a exemplo do grupo *Cultura Black Music Brasil*. Trata-se de um grupo fechado, que traz em sua descrição “cultura *black music* brasil...músicas, cultura *black*, entre fotos do cantor, sem racismo ou credo religioso...um grupo de respeito e conceitos *black*! Façam suas postagens sem comentários e ofensas ao próximo...sylv” (FACEBOOK, 2012).

A partir da descrição do grupo, inferimos que o mesmo cria um espaço de sociabilidade, pelo qual os membros são convidados a expor suas ideias, seus pontos de vista, sem temer qualquer discriminação. Essa comunidade constitui um espaço de igualdade entre todos os membros.

Seguindo nossa análise, observamos que o grupo tem 2.083 membros. Nas postagens feitas no grupo, observamos uma grande número de vídeos referente à *black music*, principalmente vídeos de *rappers*, como a própria capa do grupo (Figura 1), que traz uma imagem do *rapper* norte-americano Nas (Nasir bin Olu Dara Jones). Inferimos que esta comunidade desconstrói a imagem negativa a qual os negros são sujeitados.

Figura 1 – Grupo *Black Music Brasil*



Fonte: FACEBOOK (2012).

Contudo, assim como encontramos resultados positivos, também foram identificados resultados negativos. Em nossa busca, detectamos grupos que fazem generalização negativa aos gêneros musicais de origens africanas e/ou afrodescendentes. Uma vez detectado esse fenômeno, realizamos uma busca do com o termo "odeio" e "funk", quando recuperamos um total de 25 grupos e mais de 100 páginas, cuja maior delas (Figura 2) tem um total de 37.666 (ciber)sujeitos que a curtiram.

Figura 2 – Página eu odeio funk



Fonte: FACEBOOK (2012).

Entendemos que a grande questão aqui é que os críticos desconhecem que a música negra, em específico o *funk*, pode ser reconhecido como um espaço físico e/ou virtual, no qual os (ciber)sujeitos afrodescendentes desenvolvem um estilo de vida, que é resultado de produtos culturais, gostos, opções de entretenimento, dança e roupas, que são os princípios estéticos que lhe são acessíveis (MOURA, 2010).

É um modo de "chantagear as estruturas de dominação, por isso, elaboram valores, sentidos, identidade, afirmam localismos e ainda se integram cada vez mais no mundo globalizado" (MOURA, 2010, p. 387). O que eles querem é um lugar diferente das favelas e dos bairros pobres onde habitam e se sentem fragilizados, e esse espaço é encontrado nas comunidades virtuais. Dessa forma, entendemos que a disseminação da informação musical pode ilustrar uma situação de exclusão, marginalidade, diferenças, identidades fabricadas para aqueles que vivem nos subúrbios ou em áreas isoladas do grande centro urbano, visando à reversão de tal situação.

## 6 Considerações finais

O principal objetivo desse estudo foi compreender como as comunidades virtuais de música podem subsidiar a construção da identidade afrodescendente, almejando contribuir para o aumento da visibilidade das populações afrodescendentes e abrir espaço para a discussão das relações étnico-racial na Academia. Nesse sentido, constatamos que a informação musical, disseminada nas comunidades

virtuais, pode ter potencial para alicerçar a construção da identidade afrodescendente, resgatar a autoestima desses (ciber)sujeitos e contribuir na luta contra o racismo e a discriminação, disseminando uma ideal de igualdade e responsabilidade social.

Podemos mostrar esse fenômeno através de algumas das comunidades virtuais identificadas durante a pesquisa. Observamos, também, que, nesse processo de construção identitária, são disseminadas informações que facilitam esse processo, tanto em meio digital quanto em meio real. Assim, o (ciber)sujeito pode migrar de um meio para outro e fortalecer a sua identidade em ambos.

Vemos tais comunidades virtuais como uma forma do afrodescendente aprender a "gostar de si, a se valorizar, a exigir respeito por si e pelos seus direitos, a viver em harmonia e solidariedade com as outras etnias [...]; estimular o povo negro a manter viva sua memória histórica [...] e cultura [...]" (MOVIMENTO..., 2010).

Acreditamos que o presente artigo seja uma forma de incentivar outras pesquisas a contribuir para populações vitimadas pela discriminação, racismo e preconceito e, assim, que eles possam reclamar os seus direitos, como cidadãos, e serem inclusos nas políticas de informação.

## Referências

AQUINO, M. de A. *A Imagem Afrodescendente na Escola: silencia e sentidos na versão que ficou*. Disponível em: <<http://www.ldmi.ufpb.br/mirian/A%20IMAGEM%20DOS%20AFRODESCENDENTES%20NA%20ESCOLA%20%20DALTIMA%20VERS%C3O.pdf>>.

Acesso: 10 nov. 2010.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, Quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-36.

CARVALHO, M. D. de S. Reggae, Cultura e Identidades: movimentos e diálogo – Jamaica-Maranhão-Goiás. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO CENTRO DE ESTUDOS DO CARIBE NO BRASIL, 5.*, Salvador, 2008. *Anais...* Salvador, 2008.

CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONCEIÇÃO, H. da C.; CONCEIÇÃO, A. C. L. da. A Construção da identidade afrodescendente. *Revista África e Africanidades*, v. 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em:

<[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Construcao\\_identidade\\_afrodescendente.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Construcao_identidade_afrodescendente.pdf)>. Acesso: 20 nov. 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEHL, A. A. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>. Acesso: 2 nov. 2012.

FONSECA, M. O. *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FRAGOSO, I. da S. *Instituições-memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa*. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. T. [Org.]. *O que é, afinal, estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-131.

LE MOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: 34, 2000.

LIMA, C. de B. *Identidades afrodescendentes: acesso e democratização da informação na cibercultura*. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LIMA, C. R. M. de; SANTINI, R. M. *Música e cibercultura*. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 40, p. 51-56, dez. 2009.

MARCONI; M. de A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAY, T. *Pesquisa documental: escavações e evidências*. In: MAY, T. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. cap. 8, p. 205-230.

MOURA, W. A. A. Sedução discursiva da música crêu. *Cadernos do CNLF*, v. 14, n. 2, t. 1. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/380-398.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/380-398.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2010.

MOVIMENTO NEGRO DA PARAÍBA. Disponível em: <<http://movimentonegropb.vilabol.uol.com.br/frame.htm>>. Acesso: 20 nov. 2010.

MUNANGA, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil: In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 177-187.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB*. Rio de Janeiro, 2003. *Anais...* Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 26 de Jan. de 2009.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PINHO, P. de S. *Reinvenções de África da Bahia*. São Paulo: Anneblume, 2004.

SANTINI, R. M.; LIMA, C. R. M. de. *Difusão de música na era da Internet*. Disponível em: <<http://www.rpbahia.com.br/biblioteca/pdf/ClovisMontenegroDeLimaRoseSantini.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura?* São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

SCOTT, J. *A matter of record: documentary sources in social research*. Cambridge: Polity Press, 1990.

SILVA JÚNIOR, J. F. da. *A Informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura*. 2010. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

TELLES, E. E. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação FORD, 2003.

WANDERLEY, A. C. C. *A Construção da identidade afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do sertão paraibano*. 2009. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.